

## **Análise da Atualidade da Obra “Conselhos a um Jornalista”, de Voltaire: O que é um Jornalista?<sup>1</sup>.**

Maria Argentina Húmia Dórrio<sup>2</sup>  
Universidade Tuiuti do Paraná – UTP

### **Resumo**

Este artigo tem o objetivo de analisar, em sua atualidade, a obra *Conselhos a um Jornalista*, de Voltaire. Num momento em que cai, no Brasil, a obrigatoriedade do diploma de Jornalismo para o exercício desta profissão, nunca, talvez, esta obra de Voltaire foi, em nosso país, tão pertinente. Considerado o primeiro jornalista, pela enorme influência exercida por seus escritos na França de sua época, nossa abordagem será ancorada, sobretudo, em sua obra e aponta para o questionamento do exercício de uma cidadania e para o que, segundo Voltaire, deveria ser um jornalista.

### **Palavras-chave**

Jornalista; Atualidade; Cidadania; Liberdade

### **Introdução**

Este artigo tem o objetivo de analisar, através de “Conselhos a um Jornalista”, a visão de Voltaire sobre a atividade do jornalista e verificar sua atualidade. Num momento em que “O Supremo Tribunal Federal varreu da legislação brasileira mais uma herança da ditadura militar: a obrigatoriedade do diploma de jornalista para quem exerce a profissão” (QUALIDADE..., 2009, p.12), nunca foi, talvez, tão pertinente, no Brasil, a análise desta obra.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP Teoria do Jornalismo, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação e Linguagens (UTP), Especialista em Literatura Universal (UTP), Graduada em Letras (Língua Portuguesa e Língua Inglesa) (UTP), Graduada em Engenharia Civil (PUC-PR). Sua produção acadêmica concentra-se principalmente nos seguintes temas: Literatura, Cinema, Epistemologia e Psicanálise. E.mail: [margenth@hotmail.com](mailto:margenth@hotmail.com)

Antes, porém, faremos um breve e necessário relato sobre a trajetória deste pensador, que foi um dos mais importantes críticos de sua época, seja na política nas artes ou nas ciências. Voltaire seria um dos pensadores de maior influência para a mudança da história de seu país e da humanidade. Nascido em Paris em 1694, sob o reinado de Luís XV, François Marie Arouet, conhecido pelo pseudônimo de Voltaire. Filho de Marguerite Daumard, descendente de uma família da pequena nobreza de Poitou. O pai decide enviá-lo ao colégio Louis, le Grand, onde ele estuda com os jesuítas, revelando-se “rapaz de talento mas patife notável”, segundo as palavras de um relatório dos professores. Na mesma época, seu padrinho, o abade de Châteauneuf, introduziu-o nos círculos literários de Paris e no salão da famosa cortesã Ninon de Lenclos. Voltaire é ainda um menino e já conhece os meios desregrados, onde o modo de viver é comandado por epicuristas voluptuosos e poetas galantes. Desenvolve aí um poder de sedução que lhe será muito útil durante toda a vida. Sua existência foi marcada pelas mais diversas provocações à nobreza e ao clero, que lhe valeram algumas passagens pela Bastilha. Em dado momento, é exilado e enviado para a Inglaterra. Tal acontecimento é decisivo para sua vida e para sua formação intelectual. Freqüenta as reuniões no salão de Walpole, é recebido pelo príncipe de Gales e relacina-se com os poetas Edward Young e Alexander Pope, o escritor Swift e os filósofos Berkeley e Clarke. Entusiasma-se com a tolerância religiosa e com a relativa igualdade política entre burgueses e nobres. Essas experiências, vividas durante três anos, farão dele o principal propagandista do pensamento inglês no continente, fato de profundas conseqüências especialmente na França.

Durante seu exílio na Inglaterra, Voltaire ficou fascinado com as transformações ali ocorridas. Duas revoluções – a dos puritanos de Cromwell e a de 1688, que restaurou a monarquia – tinham tornado a ilha um país livre: tudo era debatido com a maior clareza, ninguém era preso por suas idéias; cultura e ciência floresciam. As *Cartas Inglesas* expressam, justamente, a admiração de Voltaire pela liberdade e tolerância dos ingleses. Entretanto, mal chegaram à França, essas *Cartas* foram queimadas em praça pública por desrespeito às autoridades, à religião, aos bons costumes e por fazerem o elogio às idéias estrangeiras que subvertiam a ordem. Não obstante, elas foram muito lidas e abriram caminho para o triunfo da filosofia iluminista na França, sobretudo, graças à irresistível verve do autor. (VOLTAIRE...1978, contracapa).

Condenadas à fogueira, por desrespeito às autoridades e por serem contrárias à religião e aos bons costumes, as *Cartas* fazem com que Voltaire tema uma nova passagem pela Bastilha. Consegue escapar refugiando-se no castelo de Cirey, propriedade da Marquesa de Châtelet, sua amante. A trajetória de Voltaire deixa claro que parece se divertir em ser amado pela mais alta nobreza, deixando-lhe sempre bem claro, no entanto, que seu espírito é indomável e independente. O que, provavelmente, ainda que severamente punido, tornava-o ainda mais admirado.

Ao escrever o *Dicionário Filosófico*, obtém um êxito extraordinário. O livro é colocado debaixo das portas, pendurado nos cordões das campainhas e freqüentemente os bancos dos passeios públicos estão repletos de exemplares. Esta obra consistia um sólido alimento intelectual para todos os descontentes com a ordem social vigente. Em suma, tratava-se de um poderoso instrumento revolucionário e não foi sem motivo que seu autor foi celebrado com glória nacional, algumas décadas depois, quando o Terceiro Estado tomou o poder na França. Crítico e rebelde por temperamento, suas idéias e feitos muito contribuíram para a eclosão da Revolução Francesa.

Como não pode voltar para Paris, adquire, graças a seus negócios que lhe garantem a independência, uma residência chamada “As Delícias”. Envolve-se em nova turbulência por ter sugerido a construção de um teatro na cidade, o que é considerado, inclusive por Rousseau, um verdadeiro escândalo. Retira-se, então para Ferney, onde viveria quase até o fim da vida, cuidando de sua propriedade rural, escrevendo muito e combatendo incessantemente as injustiças e as vítimas do fanatismo clerical. Defende suas idéias liberais no *Tratado sobre a Tolerância* (1763) e publica o *Dicionário Filosófico*, uma de suas muitas armas para “esmagar a infame” (Igreja Católica). O resultado de todas essas críticas e lutas pelos ideais da razão e da liberdade foi a glória pública. Em 1778 é recebido entusiasticamente em Paris, ao ser representada sua última peça teatral *Irene*. É coroado de louros pelo ator Brizard e intensamente aplaudido pela assistência. Dois meses depois, no dia 30 de maio, falece aos 84 anos de idade.

### **Voltaire, o jornalista**

*Conselhos a um Jornalista* foi escrito e impresso em 1765, no tomo I das *Novas Miscelâneas*. Já havia sido publicado na Holanda 30 anos antes. A primeira edição foi

encontrada no *Mercure* de 1744 com o título *Exortações a um jornalista* e com data de 10 de maio de 1737.

Nele, Voltaire fala aos jornalistas sobre filosofia, história, teatro, poesia, anedotas literárias, línguas e estilo. Seu primeiro conselho é a imparcialidade. Quer dizer, o jornalista não deve defender este ou aquele, mas buscar ser justo e opinar com independência. Somente assim poderia agradar aquele século e a posteridade, obtendo sucesso duradouro. Recomenda que se publique da literatura à matemática, criando assim, um jornal diferenciado que, claramente, visava à instrução e desenvolvimento do espírito crítico do público.

Em *Sobre filosofia*, recomenda que se fale de ciência de maneira a ser facilmente compreendida sem, no entanto, vulgarizá-la. O jornalista deverá fazer comparações entre as várias opiniões de renomados cientistas, contando, assim, a história da ciência e sua evolução, tornando a estória interessante, curiosa, atraente e com o objetivo máximo de dar prazer e instruir, através de um “registro fiel da glória dos grandes homens”. Voltaire aconselha, ainda, que se exclua animosidade e ironia que podem chegar a irritar toda uma nação. Que o jornalista seja “honrado e não ultraje um ilustre morto que não teria ousado atacar em vida”. É preciso que o jornalista não se preste a essa covardia para atrair a simpatia do público.

Em *Sobre a história*, está muito presente o tema político. Voltaire reconhece que é o assunto de que os jornalistas mais gostam, que está ao alcance de todos e o que mais agrada. Ao falar de uma grande personagem, por exemplo, o jornalista deve enaltecer suas virtudes e nada dizer de seus defeitos. É assim, diz Voltaire, que devemos considerar os reis. Um rei é o símbolo máximo de uma nação, uma encarnação viva de todo um passado que deve mostrar-se glorioso, infundindo no povo um sentimento de patriotismo, de orgulho de ser francês. É a história moderna que interessa a Voltaire. É a França de sua época que deve ser discutida porque é necessário influir na realidade.

Recomenda, sobretudo, que se conte a história de determinadas épocas que despertam no espírito humano uma “revolução que mudou tudo”. É evidente que Voltaire vê no jornal uma poderosa arma contra o regime vigente. Seus conselhos vão ensinar como fazer o melhor uso dele. Aqui revela-se o Voltaire revolucionário. Tem grande interesse em realçar as virtudes da época de Luís XIV como uma forma de exaltar a glória do que um dia foi a França, suscitando no povo um espírito de

cidadania. Como a versão dos vencedores é sempre muito diferente da versão dos vencidos, Voltaire recomenda que o jornalista siga a razão e deixe aos leitores o julgamento de cada caso. O jornalista deve ser como “um pintor que busca representar com incerto, mas verdadeiro pincel os homens tal como foram”. Quer dizer, a opinião pode ser incerta, mas a intenção é a verdade.

Em *Sobre a comédia*, Voltaire entra no tema da arte, que deverá ser um dos principais assuntos de um jornal. Vê na comédia teatral uma escola de costumes. Quando se ridiculariza certos costumes, estes acabam por se transformar. Defende que o jornalista, sem excluir os consagrados, deve exaltar os artistas de seu tempo. São eles as testemunhas e os delatores da situação em que se vive. É grande defensor do “espírito que apimenta” e do “bom gracejo”. Voltaire conhece o poder do riso e do quanto é subversivo.

Em “*Da tragédia*”, defende que se divulguem sobretudo os autores franceses, eles é que falam do que interessa: a França. Pede sempre que se exalte seus grandes trágicos que são a própria identidade e orgulho de uma nação. As tragédias, como as comédias, devem sobretudo atrair e agradar ao público. Senão, como influenciá-lo? Exaltar Racine e divulgar os contemporâneos. Esta é a fórmula que cria identidade e desenvolve a crítica. Ao contrário da crítica atual, Voltaire não aprova a crítica definitiva. Ou seja, aquela em que se dá uma opinião direta sobre a qualidade da peça. Faz questão de deixar ao público a tarefa de julgar. Com isso, talvez induza o leitor a este ou àquele pensamento, mas o público deve sempre pensar que é ele quem julga. Com isso, desenvolve, sem dúvida, o espírito crítico do povo que, a partir de considerações do jornalista, aprende a formar seu próprio juízo. Defende que se comparem as peças dos autores franceses com a dos autores estrangeiros, baseadas no mesmo tema. Quer que se mostre aos leitores, por exemplo, que Smith imitou totalmente Racine e que, no entanto, se gaba de ter tirado tudo de Eurípides. Além de instruir o leitor, vai fazê-lo valorizar o que é seu, o que é francês. Voltaire quer uma França orgulhosa de si mesma. Nota-se em seu estilo que, ao aconselhar, tem uma intenção um tanto velada, deixando-nos a tarefa de decifrá-la. Aconselha ao jornalista, justamente isso. Deixar ao leitor a tarefa de decifrar. Aconselha um estilo que é o seu próprio. Demonstra-o na própria obra.

Em *Dos Poemas*, Voltaire ressalta a importância de encantar, adornar, dar prazer. Diz que pequenas “obras fugidias” devem cobrir os brancos de um jornal, como um momento de descanso para o leitor. Devem sempre ser anunciados com arte para “aperfeiçoar o gosto sem prejudicar os costumes”. Voltaire nunca abre mão da arte, nem no falar, nem no escrever, nem no negociar, enfim, no viver. Recomenda que quando houver obras que “estejam agitando Paris e dividindo os espíritos”, é nesse momento que se deve ousar servir de mestre ao público sem o aparentar e, conduzindo-o pela mão, fazê-lo observar as “belezas sem ênfase e os defeitos sem acrimônia”. É interessante ver um homem como Voltaire defender o comedimento. Mas este é um artifício necessário ao crítico para poder instruir sem ser odiado, uma vez que a obra que critica agita a cidade, divide as opiniões, cria polêmica. Esse comedimento é o que Voltaire chama de imparcialidade. Sem isso, seria impossível atingir a razão do público, já dominado pelas emoções. Se, neste caso, aconselha a levar o público pela mão, acredita na boa-fé e precisão do jornalista. Feliz seria a nação que não precisasse ser conduzida pela mão. Mas esse não é o caso da França do século XVIII. É interessante vê-lo manejar a pena como se fosse uma arma e a manejar a palavra como um general manteria seu exército. A palavra, então, tinha uma força de penetração, extremamente banalizada atualmente.

Grande é a preocupação de Voltaire com o estilo. Nunca abre mão do gosto. Não admite a falta de elegância e clareza, a inadequação dos termos, a inutilidade, a vulgaridade e falta de lógica. É um crítico feroz do estilo. Aqui, aparece o homem de letras, que não separava o conteúdo da forma. Sabia que a forma é indissociável do conteúdo. Ela o revela e determina:

É questão de se ter uma linguagem ocasionalmente dura,  
Mas geralmente vivaz, fazendo crer que se ouve um orador  
E um poeta, ou um homem urbano que emprega suas forças  
E as modera deliberadamente.

(HORÁCIO, livro I, sátira X, versos 11-14, citado por VOLTAIRE, 2006, p.22)

É pela forma que se convence o leitor e o ouvinte.

Em *Miscelâneas de literatura e anedotas literárias*, sugere-se a divulgação de pequenas obras literárias. Diz dos livros de literatura que “divertem sucessivamente os homens honrados, relaxam o homem sério no intervalo de seus afazeres e conservam na



nação a flor do espírito e a delicadeza que constituem o caráter”. Recomenda, ainda, que não se condene tudo o que já não esteja consagrado. Ao contrário, é preciso exaltar os novos autores porque são eles que falam de sua época e de seu lugar. Não se pode vociferar que o gosto está perdido “porque se pronunciou numa academia um discurso brilhante que não seria adequado num tribunal”. Não se distinguirão jamais as épocas, os lugares, as pessoas?” Não se deve esquecer, ainda, que poucos pensamentos são novos, o que importa é compará-los, e “nisto consiste o gosto”, incitar os autores a criar, a dizer de uma forma nova o pensamento antigo. É preciso “explicar ao público” a origem das obras e por quem realmente foram feitas. Mas ressalta que um jornalista deverá sempre denunciar as calúnias levantadas contra um grande autor a quem possam ter atribuído obras medíocres. Que se desarme a inveja, esclarecendo e instruindo a nação. Isto pode ser feito através da análise lógica do estilo e da verossimilhança. Diz Voltaire de obra de autor desconhecido, atribuída a Richelieu: “Creio que é mais fácil saber de quem não é esse livro do que conhecer seu autor”. Voltaire vê no jornalista um defensor das causas justas e aqueles que devem denunciar com coragem as injustiças e mostrar a todos os autores infames que “o desprezo e o horror do público serão sua eterna recompensa”.

Em *Sobre as línguas*, Voltaire vê no jornalista francês um homem que deve saber “ao menos” inglês e italiano, porque há obras de gênio nessas línguas e “o gênio quase nunca é traduzido”. Lamenta o desconhecimento geral do grego, mas não permite a um jornalista ignorá-lo. Diz isso porque vê no jornalista o crítico literário. Sabe no que pode se transformar uma grande obra quando traduzida e teme toda literatura que não é lida no original. Como avaliar, então, uma tradução? Voltaire vê no jornal um instrumento para a instrução, válido para a época. Vemos hoje, que isso não é possível, dado o caráter superficial a que está obrigado, na maioria das vezes, o texto jornalístico.

Finalmente, em *Do estilo de um jornalista*, não basta um profundo conhecimento, um pensamento claro e bom gosto. É preciso escrever respeitando o tom que pede um jornal. Pode-se conversar com o leitor, mas não com demasiada negligência, como se se tratasse de uma conversa de salão. O estilo deve evitar o descuido, a incorreção e o lugar-comum. Uma palavra nova só deve ser empregada se for “necessária, inteligível e sonora”. Voltaire quer se comunicar sem jamais abrir mão da lógica, da ética e da estética. Em ciência, como na física, por exemplo, não cabe usar

termos que usaríamos numa conversa familiar. Por temer-se o pedantismo, corre-se o risco de cair na vulgaridade. É perigoso sempre querer ser espirituoso, especialmente quando se fala de ciência. Seu melhor conselho quanto ao estilo é o seguinte: “cumulate de idéias profundas e justas. Assim, as palavras vêm facilmente. Observa que os homens que melhor pensaram foram também os que melhor escreveram”. Adverte, ainda, contra a corrupção da língua, vícios “com os quais o público se acostuma à força de as reler”. Dá exemplos que fazem lembrar em nossa língua atualmente o uso, por muitas pessoas, de expressões como: “vou estar fazendo”, ao invés de “vou fazer”, “vou estar enviando”, ao invés de “vou enviar”. Provavelmente, por influência da língua inglesa quando traduzida ao pé da letra. Felizmente, esse vício tem sido combatido pela mídia, através de gracejos e anedotas, muito ao gosto de Voltaire.

Mesmo quando se trata de leis, Voltaire defende que deveriam ser feitas para serem facilmente entendidas, através da linguagem comum. É interessante observar que não adotamos, até hoje, essa sensata opinião. Toda linguagem adotada pelo direito é prolixa, pedante e o mais ininteligível possível. Alguns ainda acreditam que pedantismo e prolixidade indicam erudição. Segundo Voltaire “a simples indicação desses erros deve bastar para corrigir os autores”. Nem tão fácil é corrigir os legisladores.

Em sua última frase, Voltaire faz uma distinção entre a imprensa e a “república das letras”. Ao longo de toda a obra parece não fazer essa distinção. Trata o jornalista e o homem de letras como se fossem um só. Ou melhor, exige do jornalista que seja letrado. Os artigos presentes em *Conselhos a um Jornalista* foram publicados em jornais que não deixam de chamar a atenção por seus nomes. Neles está sempre presente uma referência à “república das letras”: *Jornal de Política e Literatura* e *Gazeta Literária da Europa*. Essa mescla entre escritor e jornalista parece ter dominado o início do jornalismo.

Segundo Acrísio Tôrres em seu prefácio a *Conselhos a um Jornalista*, no grande escritor que foi Voltaire, fermentava uma natureza de jornalista. Precisava de um permanente contato com a opinião pública, “na ânsia de orientá-la através da inteligência”. Através de mais de dez mil cartas, atingindo pessoas das mais diversas posições sociais, tratando dos mais diferentes assuntos, Voltaire atuava como um autêntico jornalista, difundindo suas idéias de ordem literária, social ou política que, aliás, muito contribuíram para a eclosão da Revolução Francesa. Nunca, até o século



XVIII e, mesmo depois, nunca se viu uma tão admirável e surpreendente confusão de propaganda produzida por um só homem. Seus escritos invadiram a Europa de seu tempo. Escreveu Will Durant, citado por Tôrres, que muitos de seus panfletos tiveram tiragem de trezentos mil exemplares vendidos. E acrescenta: “Nunca se havia visto nada como isso na história da literatura”.(2009, p.VIII). Segundo André Maurois, também citado por Tôrres, toda essa produção faz de Voltaire “o maior jornalista que já se conheceu”.(2009, p.IX). Enquanto outros escritores da época dirigiam-se a um público de doutos, Voltaire, ao contrário, visa o grande público. Escreve Pomeau: “Faz parte de uma estratégia voltariana que se esforça por mobilizar a opinião pública. Daí a divisão da obra em capítulos curtos, entremeados de ditos espirituosos e que apelam, no final, para a emoção”.(2009, p.IX). É o jornalista; é diz Benda, “a vocação do jornalista”. (POMEAU, citado por TÔRRES, 2006).

### **Atualidade de Voltaire**

Obviamente, a visão geral que Voltaire tem de um jornalista é uma visão ideal. Voltaire falou de seu tempo, no entanto, a obra permanece atual em sua essência: a defesa da liberdade de expressão como fundamento da cidadania e do desenvolvimento da capacidade crítica de uma nação. Voltaire não tinha diploma algum, nem mesmo o de direito, como queria seu pai. Foi um homem brilhante, leitor ávido, curioso de tudo, questionador implacável. Crítico por excelência, funda o jornalismo e dá sua opinião sobre o que deveria ser um jornalista. Em realidade, fala de si mesmo, mas não podemos pedir a ninguém que seja um Voltaire. Devemos, no entanto, tomá-lo como um norteador de nossa visão de mundo. Isto implica em que seja lido, também, criticamente, comparando seu tempo com o nosso e verificando que seu maior legado foi a defesa da tolerância e da liberdade de pensamento. Acrísio Tôrres cita em *Conselhos a um Jornalista* uma de suas mais célebres frases: “Que importa que eu não tenha um cetro, tenho uma pena”.(2006,p.VII). Nesta frase, Voltaire nos diz que o poder de um rei equivale ao poder de um cidadão. Aí está uma referência à imprensa, enquanto verdadeiro *Quarto Poder*. Se o primeiro tem um cetro, o segundo tem uma pena. Tal poder implica uma enorme responsabilidade e, por isso mesmo, permite a uma nação escolher seu destino. “Voltaire é e será sempre atual, porque haverá sempre

superstição, fanatismo, intolerância, injustiça, simonia, milagres, tolice. É preciso lê-lo”. (TÔRRES, 2006, contracapa).

Tanto em *Conselhos a um Jornalista*, como em toda sua obra, Voltaire foi, sobretudo, um defensor da liberdade de opinião. “Meu ofício é dizer o que penso” (VOLTAIRE, 2006). Mesmo a seus maiores adversários, jamais negou esse direito.

Trazendo Voltaire à nossa realidade e analisando a atual situação dos jornalistas, é natural que, num primeiro momento, a decisão do Supremo Tribunal Federal possa se parecer à retirada de um direito, quando se trata, justamente, de uma restituição. De tal maneira estamos condicionados à inevitável burocracia inerente a toda instituição, que deixamos, muitas vezes, de exercer o senso crítico necessário a todo cidadão, sobretudo, a todo tipo de formadores de opinião.

Comenta Gilmar Mendes em *A Folha de São Paulo*, quanto à decisão do Supremo Tribunal Federal, relativa ao exercício do jornalismo:

Na verdade esta é uma decisão que vai repercutir, inclusive, sobre outras profissões. Em verdade, a regra da profissão regulamentada é excepcional no mundo todo e também no modelo brasileiro [...] É uma jurisprudência hoje dominante no mundo todo [...] Sou um defensor radical da liberdade de imprensa.

Comenta, ainda (*ibid*): “O mercado do jornalismo poderá até se sofisticar com o fim da exigência do diploma [...] Muito provavelmente, o mercado exigirá talvez até maiores habilitações, como cursos de pós-graduação e até maior preparo dos jornalistas que exerçam suas funções”.

Acreditamos que a decisão do Supremo Tribunal Federal de não exigir diploma aos que venham a exercer o jornalismo, vem ao encontro das idéias de Voltaire que exortava a ser jornalista todo aquele que soubesse fazer, livremente, um bom uso da pena. Tais idéias refletem a própria essência da democracia, regime a que, historicamente, estamos pouco acostumados.

Quanto ao mercado de trabalho do jornalista, nos parece claro que a não exigência do diploma, não implica em nenhuma ameaça ao jornalista diplomado, desde que seja competente para o ofício. Assim como já ocorre com outras profissões, o mercado absorve, fatalmente, o profissional que demonstra maior qualidade. O próprio

mercado adianta-se e corrige a legislação de forma inevitável. Segundo Camila Pati e Hugo Marques,

Para que a obrigatoriedade do canudo caia, é preciso um pedido formal à Justiça. No caso dos jornalistas, foi o Sindicato das Empresas de Rádio e Televisão no Estado de São Paulo e o Ministério Público Federal que questionaram a obrigatoriedade. “A associação via nisso uma camisa de força”, diz Daniel Slaviero, presidente da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e TV. (2009, p.80)

O diploma de jornalista, assim como vários outros, garante apenas a manutenção de uma ilusão que acaba por revelar-se insustentável. Diante desta realidade o bom profissional do jornalismo, diplomado ou não, nada tem a temer. Acreditamos, dado nosso embasamento, que o verdadeiro jornalista se autoriza a partir de si mesmo e, naturalmente, é instituído por seus leitores. É claro que para isso é necessário um sólido preparo intelectual. Assim atuou o primeiro jornalista de que temos notícia e de cujas idéias tratamos aqui.

### **Considerações Finais**

É preciso lembrar, segundo François Moureau, professor da Universidade de Paris IV, que em *Conselhos a um Jornalista*,

Voltaire lhes indicava sem muita ilusão o que deveria ser feito “para que tal jornal agrade nosso século e a posteridade”: bela ilusão sobre a perenidade de uma escrita de que precisamente a volatilidade dava o valor relativo. Somente a imprensa do Refuge, holandesa, ou dos mercados – Avignon, Liège, Clèves – teve essa aparente liberdade que nossos copntemporâneos gostam de encontrar no passado, com o cheiro de oposição que a idealiza ainda. (2006, capa)

Um jornalista, para Voltaire, deveria ser, como ele próprio foi, um homem de letras. Não só extremamente culto, mas também independente. *Conselhos a um Jornalista* é uma referência ideal do que, certamente, nossa realidade está muito distante e que, provavelmente, em nosso sistema político e econômico, jamais chegaremos, nem de longe, a alcançar. Nem por isso, os *Conselhos* de Voltaire devem ser esquecidos.



## Referências bibliográficas

DURANT, WILL. In: VOLTAIRE. *Conselhos a um Jornalista*. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p.VIII.

JUNIOR, Cirilo. Mendes diz que fim do diploma poderá sofisticar mercado do jornalismo. *Folha de São Paulo*, jul. 2009. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u585427.shtml>. Acesso em: 28 jun. 2009.

MARQUES, Hugo; PATI, Camila. Diploma Decorativo. *ISTO É*, São Paulo, v.6, n.2067, p.80, jun.2009.

MAUROIS, ANDRÉ. In: VOLTAIRE. *Conselhos a um Jornalista*. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p.IX.

MENDES diz que Congresso não pode reverter decisão do STF sobre diploma. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u585162.shtml>. Acesso em: 28 jun. 2009.

MOUREAU, FRANÇOIS. In: VOLTAIRE. *Conselhos a um Jornalista*. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. capa

POMEAU, RENÉ. In: VOLTAIRE. *Conselhos a um Jornalista*. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p.IX.

QUALIDADE sem diploma. *Veja*, São Paulo, p.12, 24 jun. 2009.

TÔRRES, ACRÍSIO. In: VOLTAIRE. *Conselhos a um Jornalista*. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. VIII, IX e contracapa.

VOLTAIRE, *Conselhos a um Jornalista*. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

VOLTAIRE, *Os Pensadores – Voltaire*. 2.ed. São Paulo: Victor Civita, 1978.

